

# Àgora no dialecto minhoto

Sílvia Afonso Pereira

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

silvia.a.pereira@gmail.com

Recibido o 29/08/2012. Aceptado o 06/02/2013

## Àgora in Minho dialect

### Resumo

Este estudo apresenta uma análise do marcador de negação metalinguística *àgora*, produtivo numa área específica do território português: o dialecto do Minho. Tendo como ponto de partida a distinção fonética existente nesse dialecto entre o advérbio temporal (*agora*) e o marcador de negação (*àgora*), faço, neste trabalho, uma descrição detalhada das frases negativas com *àgora*. Tomo como referência os trabalhos de Horn (1985, 1989), Martins (2010) e Pereira (2010, 2011) e assumo que as construções em análise representam um tipo particular de negação: a negação metalinguística, tal como definida por Horn (1985, 1989). O objectivo central é evidenciar que as construções com *àgora* do dialecto minhoto exibem um comportamento sintáctico específico comparativamente a outras áreas dialectais (nomeadamente os dialectos centro-meridionais), em que o mesmo tipo de negação é codificado através de *agora*. Assim, seguindo uma abordagem contrastiva que torne claras as diferenças existentes, aponto e discuto um conjunto de especificidades associadas a *àgora*: em oposição ao que acontece nos outros dialectos, *àgora* (i) é um marcador pré-verbal com requisitos de primeira posição; (ii) estabelece uma relação muito clara com a noção de elipse; (iii) associa-se apenas a um conjunto limitado de constituintes; (iv) interpretativamente, relaciona-se fortemente com o conceito de proeminência discursiva. A base empírica deste estudo assenta essencialmente nos meus juízos enquanto falante nativa do dialecto minhoto, tendo recorrido, quando necessário, a juízos de outros falantes para confirmar as minhas intuições.

### Palabras chave

Negação metalinguística, elemento de primeira posição, polaridade, variação dialectal

### Sumario

1. Introdução. 2. *Agora* temporal e *àgora* marcador de negação metalinguística no dialecto do Minho. 3. *Àgora* e a negação metalinguística: os contributos de Horn, Martins e Pereira. 4. As construções com *àgora* no dialecto minhoto. 4.1. Ordem de palavras, elipse e polaridade. 4.2. Especificidades interpretativas: a proeminência discursiva. 5. Conclusão.

### Abstract

This study analyses the metalinguistic negation marker *àgora*, which is productive in one Portuguese dialect area, the Minho dialect. Starting from the phonetic difference in this dialect between the temporal adverb *agora* and the negation marker *àgora*, in this work I present a detailed analysis of negative sentences with *àgora*. Following Horn (1985, 1989), Martins (2010) and Pereira (2010, 2011), I assume that these constructions convey a particular kind of negation: metalinguistic negation as defined by Horn (1985, 1989). My main goal is to show that syntactically, sentences with *àgora* in Minho dialect behave differently than in other dialect areas (the southern and central dialects), where metalinguistic negation is expressed by the marker *agora*. To identify these differences I undertake a comparative analysis and discuss a set of special features of *àgora*, which contrasts with other dialect areas in that *àgora* (i) is a pre-verbal marker with first-position requirements, (ii) strongly connects to the notion of ellipsis, (iii) only co-occurs with certain types of constituents, and (iv) has particular interpretative effects which favour discursive prominence. The empirical basis for this dissertation consists mainly of my intuitions as a native speaker of the Minho dialect, while also analysing input from other speakers to confirm my own judgements when relevant.

### Keywords

Metalinguistic negation, First position element, Polarity, Dialectal variation

### Contents

1. Introduction. 2. Temporal *agora* and metalinguistic *àgora* in Minho dialect. 3. *Àgora* and metalinguistic negation: Horn, Martins and Pereira's contributions. 4. Constructions with *àgora* in Minho dialect. 4.1. Word order, ellipsis and polarity. 4.2. Interpretative specificities: discursive prominence. 5. Concluding remarks.

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho que apresento centra-se no estudo da palavra *agora* no dialecto do Minho, especificamente nas construções em que este elemento codifica negação – concretamente, negação metalinguística.

Pretende-se, num primeiro momento, mostrar que neste dialecto do Português Europeu (PE) há dois usos distintos associados a *agora*: um uso temporal, idêntico ao produtivo em outras áreas dialectais do território português, e um uso metalinguístico, em que se percebem diferenças claras relativamente às construções de negação metalinguística com *agora* noutros dialectos: é o caso, por exemplo, da diferente realização fonética. Note-se, aliás, que é precisamente essa clara distinção fonética que legitima o uso, neste trabalho, da forma *àgora* para me referir ao marcador produtivo no dialecto minhoto. O objectivo da secção 2 é, portanto, apresentar este duplo valor de *agora*. Uma vez tornado claro este ponto de partida, farei, na secção 3, um enquadramento teórico em torno do conceito de negação metalinguística, explicitando, ainda que brevemente, as relações de *àgora* com este tipo particular de negação (partindo de Martins 2010, Pereira 2010, 2011).

Na secção seguinte apresento uma descrição detalhada das construções com *àgora* no dialecto minhoto, completando a análise, sempre que isso se justificar, com uma exposição contrastiva que torne evidentes as diferenças entre as estruturas com *àgora* e as estruturas produtivas noutros dialectos (nomeadamente, os dialectos centro-meridionais, cujas construções com *agora* – que, tanto quanto este estudo apurou, parecem ser ilustrativas do que se passa nas restantes áreas do território português – contrastam em vários aspectos com as produtivas no dialecto minhoto). Mostro, concretamente, que o *àgora* minhoto revela uma série de especificidades sintácticas: (i) contrariamente ao marcador pós-verbal dos dialectos centro-meridionais, o *àgora* minhoto é um marcador pré-verbal com requisitos de primeira posição, já que ocorre anteposto a constituintes que tipicamente ocorrem na posição inicial de frase (por exemplo, sujeitos, tópicos, focos e certos advérbios); (ii) estabelece uma estrita relação com a noção de elipse, uma vez que ocorre, preferencialmente, isolado ou em associação apenas com o verbo; (iii) é mais restritivo do que o marcador de negação metalinguística *agora* dos dialectos centro-meridionais, porque apenas se associa a um conjunto limitado de constituintes. Também diferentemente do que acontece com o *agora* pós-verbal, ao marcador produtivo no Minho podem associar-se efeitos interpretativos particulares: descrevem-se, neste trabalho, as estruturas com *àgora* em que fica disponível uma leitura enfática, seja ela de foco contrastivo (no sentido definido por Zubizarreta 1999) ou de outros tipos de proeminência discursiva. Tudo isto será exposto na secção 4.

O objectivo final é tornar claro que o marcador de negação metalinguística *àgora* utilizado no dialecto minhoto apresenta uma série de particularidades – fonéticas, sintácticas e interpretativas – que o isolam relativamente a outras áreas dialectais. Por limitações de espaço, e por me querer, aqui, centrar numa descrição detalhada do comportamento de *àgora*, não discuto neste artigo nenhuma proposta de representação sintáctica para este marcador: apenas refiro, a esse nível, as conclusões mais relevantes a que cheguei em Pereira (2010) quando, de um ponto de vista descritivo, isso se mostra pertinente.

A base empírica deste trabalho assenta essencialmente nos meus juízos (enquanto falante nativa do dialecto minhoto). Recorri, adicionalmente, a outros dados (que serão devidamente identificados quando introduzidos na análise) e a juízos de outros falantes sempre que me pareceu necessário confirmar os meus próprios juízos. Quero sublinhar que os dados atestados em corpora relativos às construções com *àgora* são francamente escassos, tendo sido por essa razão que recorri à minha intuição de falante nativa do dialecto em estudo.

## 2. AGORA TEMPORAL E ÀGORA METALINGUÍSTICO NO DIALECTO DO MINHO

Em Português, a palavra *agora* é tipicamente utilizada enquanto advérbio temporal. Nos principais dicionários de língua portuguesa é essa, aliás, a primeira acepção da palavra: “*agora* adv. 1. neste momento, neste instante, nesta ocasião; actualmente, presentemente” (cf. Houaiss 2001). Apresento, abaixo, exemplos para o PE desse uso adverbial de *agora*:

- (1) O João chegou *agora*.
- (2) *Agora* não me apetece falar contigo.
- (3) Vamos *agora* ou mais tarde?

As frases (1)-(3), em que *agora* é, em todas elas, utilizado para veicular informação temporal, não são construções exclusivas de nenhuma área dialectal do território português. Trata-se de estruturas transversais a todo o território, extensíveis, também, ao dialecto minhoto, que serão facilmente reconhecidas por qualquer falante.

É possível afirmar-se, tal como sugerem os exemplos expostos, que ao advérbio temporal *agora* está associada uma distribuição frásica relativamente livre<sup>1</sup>, não existindo, tanto quanto se sabe, especificidades sintáticas que isolem determinadas áreas dialectais. Paralelamente, também não se conhecem particularidades fonéticas, já que quando *agora* comporta o valor de advérbio temporal ele será produzido, em PE, sempre da mesma forma: [e'gɔrɐ].

Importa pois notar que, paralelamente a este uso adverbial de *agora*, está disponível, em PE, um outro uso deste constituinte: trata-se de construções em que *agora* é usado para codificar um tipo particular de negação, concretamente negação metalinguística<sup>2</sup> (cf. secção 3). As estruturas a que me refiro são as do tipo de (4), em que *agora* expressa este tipo particular de negação:

- (4) A: Está a chover.  
 B: a. Está *agora*. [resposta produtiva nos dialectos centro-meridionais<sup>3</sup>]  
 b. *Àgora* está. [resposta produtiva no dialecto do Minho]

Tal como se depreende do trabalho de Martins sobre os marcadores de negação metalinguística *cá*, *lá* e *agora* (cf. Martins 2010), e como se prova sobretudo em Pereira (2010, 2011), não há, tanto quanto se sabe, qualquer distinção fonológica entre o *agora* temporal e o *agora* marcador de negação na generalidade dos dialectos portugueses. É neste ponto que chamo a atenção para o que se passa com o dialecto minhoto, aquele em que me centro neste trabalho. Se, como afirmei acima, para os restantes dialectos o marcador de negação metalinguística *agora* e o advérbio temporal são ambos produzidos da mesma forma, com elevação da vogal átona inicial, já no dialecto do Minho, sempre que *agora* está associado a um uso metalinguístico, ele é produzido sem elevação dessa mesma vogal – [a'gɔrɐ], por oposição ao advérbio temporal no mesmo

<sup>1</sup> Conforme se refere em Costa e Costa (2001: 59), “os advérbios de tempo ocupam qualquer posição na frase, possibilitando leituras contrastivas de elementos que se lhes encontram adjacentes”.

<sup>2</sup> Sobre o conceito de negação metalinguística, ver Horn (1985, 1989). Ver também Martins (2010), sobre os marcadores de negação metalinguística *cá*, *lá* e *agora* disponíveis em PE. Para um estudo mais aprofundado sobre as construções de negação metalinguística com *agora/àgora* nos dialectos do Português Europeu, veja-se Pereira (2010, 2011).

<sup>3</sup> Esclareça-se que se consideram apenas duas áreas: uma área dialectal que designei como o dialecto minhoto, que neste trabalho corresponde concretamente à região do Alto Minho, e uma área que defini como correspondente aos dialectos centro-meridionais. Esta última designação, utilizada para dar conta das construções que contrastam com as produtivas no dialecto minhoto, justifica-se por me ter apoiado essencialmente nos juízos de uma falante do centro-sul para descrever as estruturas desse dialecto. O objectivo é, portanto, utilizar esta designação de uma forma genérica, por oposição a dialecto do Minho (que, segundo os dados compilados em Pereira (2010), se isola relativamente ao resto do país). O propósito deste trabalho não é, sublinhe-se, estabelecer fronteiras dialectais precisas.

dialecto, que é produzido como nas restantes áreas dialectais: [ɛ'ɔɾɐ]. Observem-se, pois, os exemplos abaixo, onde se mostra que já nos textos do século XIX este marcador era, precisamente para dar conta dessa particularidade fonética, grafado com acento na vogal átona inicial:

- (5) Pois sim; mas escuta. – *Àgora* escuto, que tenho mais que fazer. (Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*)
- (6) Foi para te fazer o feitiço no jaqué. – *Àgora* foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa! (Camilo Castelo Branco, *Maria Moisés*)
- (7) Mas, se inda agora vim das presas, onde fui lavar a roupa? – Pobre pequena – disse o Zé P'reira – também não te há-de faltar lazeira, também! – A mim? *Àgora!* Não que eu não saí de casa com as algibeiras vazias. (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*)

A par desta evidente distinção prosódica outras diferenças há, sintácticas, que isolam o dialecto minhoto das restantes áreas dialectais portuguesas no que toca ao uso de *agora* enquanto marcador de negação (a dicotomia pré-verbal/pós-verbal, observada em (4), é apenas uma delas). É sobre esse assunto que me debruço neste trabalho, apresentando uma descrição detalhada das propriedades do marcador de negação metalinguística *àgora* do dialecto minhoto, sendo que para isso adopto, sempre que possível, uma perspectiva comparativa que permita dar conta dos contrastes mais relevantes entre esta área dialectal específica e outros dialectos.

### 3. *ÀGORA* E A NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA: OS CONTRIBUTOS DE HORN, MARTINS E PEREIRA

Antes de avançar para esse ponto central – a descrição do comportamento sintáctico do *àgora* minhoto – interessa fazer uma breve contextualização teórica que apresente a relação de *àgora* com a negação metalinguística. Nesse sentido, apresento resumidamente os dados já expostos em Pereira (2010, 2011).

É Horn (1985, 1989) quem chama a atenção para o conceito da negação metalinguística, definindo-a da seguinte forma:

Metalinguistic negation [is] a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever (...), a speaker's use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another's assertion of, a given proposition in a given way; metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance (cf. Horn 1989: 363).

De forma a distinguir este tipo de negação da negação regular, o autor apresenta um conjunto de testes, que aplica ao marcador *not*, cujos resultados apontam, nitidamente, para a existência de dois tipos distintos de negação (cf. Horn 1985, 1989). Horn mostra que os dois tipos de negação apresentam comportamentos diferentes relativamente a obrigatoriedade de legitimação discursiva e diferenças quanto a compatibilidade com itens de polaridade positiva (IPPs) fortes, revelando ainda a negação metalinguística, mas não a negação regular, incapacidade de legitimar itens de polaridade negativa (IPNs) – cf. Horn (1989: 397ss).

Quanto ao marcador *agora*, Martins (2010) mostra, aplicando esses mesmos testes a este constituinte, que também para o PE os resultados são claros, evidenciando diferenças entre os dois tipos de negação. Em Pereira (2010, 2011) mostra-se, adicionalmente, aplicando os mesmos testes, que as construções com *agora* nos dialectos centro-meridionais e as construções com o

*àgora* minhoto expressam, ambas, negação metalinguística. Assim, adapto aqui os exemplos apresentados em Pereira (2010, 2011), para mostrar que *àgora/agora* são marcadores de negação metalinguística porque, tal como postula Horn (1985, 1989), as construções com estes constituintes, mas não a negação regular, exigem uma legitimação discursiva (cf. (8)), são compatíveis com IPPs tais como os intensificadores *e peras* e *do diabo* (cf. (9)) e incapazes de legitimar IPNs, como, por exemplo, *ninguém*, uma vez que não estabelecem relações de concordância negativa (cf. (10)):

- (8) a. Ah, *não* trouxe a carteira, pagas-me o café?  
 b. \*Ah, trouxe *agora* a carteira, pagas-me o café?  
 c. \*Ah, *àgora* trouxe a carteira, pagas-me o café?
- (9) a. Ele é um nadador *e peras/do diabo*.  
 b. \*Ele *não* é um nadador *e peras/do diabo*. [sem antecedente discursivo]  
 c. Ele é *agora* um nadador *e peras/do diabo*.  
 d. *Àgora* é um nadador *e peras/do diabo*.
- (10) A: Tu é que conheces uma pessoa que sabe arranjar isto.  
 B: a. Eu *não* conheço *ninguém* que saiba arranjar isto.  
 b. Eu conheço *agora alguém*/\**ninguém* que saiba arranjar isto.  
 c. *Àgora* conheço *alguém*/\**ninguém* que saiba arranjar isto.

Cabe acrescentar que, na linha de Martins (2010) – que distingue os marcadores de negação metalinguística, quanto à sua posição sintáctica básica, entre periféricos e internos – considero *àgora* um marcador de negação metalinguística do tipo periférico, já que o comportamento deste constituinte perante uma série de testes sintácticos o aproxima do típico marcador periférico *uma ova*, afastando-se de marcadores internos como *cá/lá*<sup>4</sup>.

Tornado claro este enquadramento teórico, passemos, então, à análise detalhada das estruturas com *àgora* em que se expressa, como acabámos de ver, negação metalinguística.

## 4. AS CONSTRUÇÕES COM ÀGORA NO DIALECTO MINHOTO

Exponho, nos próximos parágrafos, as especificidades evidenciadas pelo marcador *àgora* no dialecto minhoto.

### 4.1. Ordem de palavras, elipse e polaridade

#### 4.1.1. Ordem de palavras

Como facilmente se verifica através dos exemplos anteriormente apresentados, é possível afirmar-se que, no dialecto minhoto, *àgora* é um marcador de negação pré-verbal. Senão, vejamos:

- (11) A: Está frio.  
 B: *Àgora* está frio.
- (12) A: A campainha tocou.  
 B: *Àgora* tocou.

<sup>4</sup> O que legitima essa distinção é o diferente comportamento dos marcadores de negação metalinguística perante um conjunto de testes sintácticos (i) ordem de palavras; (ii) possibilidade de ocorrência isolada e com fragmentos nominais; (iii) interacção com a negação; (iv) compatibilidade com advérbios enfáticos pré-verbais e foco contrastivo; (v) compatibilidade com estruturas de coordenação que denotam uma sequência de eventos). Sobre o comportamento sintáctico de *àgora* perante esses testes, veja-se Pereira (2010).

É, pois, bastante claro o contraste com os dialectos centro-meridionais, em que o marcador de negação metalinguística *agora* é, invariavelmente, pós-verbal (cf. (13) e (14)) e, de acordo com Martins (2010), ocorre obrigatoriamente em adjacência ao verbo ou em posição final de frase (cf. (15)):

- (13) A: Está frio.  
 B: a. Está *agora*.  
 b. Está *agora* frio.  
 c. Está frio *agora*.
- (14) A: A campanha tocou.  
 B: Tocou *agora*.
- (15) A: O Pedro viveu sempre em Paris.  
 B: a. O Pedro viveu *agora* sempre em Paris.  
 b. O Pedro viveu sempre em Paris *agora*.  
 c. \*O Pedro viveu sempre *agora* em Paris.

Note-se ainda, relativamente ao dialecto minhoto, que além de o marcador ocorrer necessariamente anteposto ao verbo, ele apresenta, também, requisitos de primeira posição. É isso que provo a seguir. Começemos por observar (16)-(19), em que testo o comportamento deste constituinte com outros elementos cuja posição não marcada é à esquerda do verbo, como sujeitos (cf. (16) e (17)) e alguns advérbios (cf. (18) e (19)):

- (16) A: O pássaro assobiou.  
 B: a. ?? *Àgora* o pássaro assobiou.  
 b. \**O pássaro àgora* assobiou.
- (17) A: Ele sabe.  
 B: a. ?*Àgora* ele sabe.  
 b. \**Ele àgora* sabe.
- (18) A: Nada te satisfaz.  
 B: a. *Àgora nada* me satisfaz.  
 b. \**Nada àgora* me satisfaz.
- (19) A: Quase ganhámos.  
 B: a. *Àgora quase* ganhámos.  
 b. \**Quase àgora* ganhámos.

O facto de haver algumas incertezas quanto à aceitabilidade de (16) e (17) relaciona-se com a existência de um comportamento particular de *àgora* quando associado a sujeitos, como se mostrará adiante<sup>5</sup>. Mas o que aqui pretendo notar é que, tanto em co-ocorrências com sujeitos como com advérbios pré-verbais, as frases em que esses constituintes se antepõem a *àgora* são claramente agramaticais.

Observem-se, paralelamente, as frases em que *àgora* co-ocorre com outros constituintes que ocupam a posição mais à esquerda da frase, como tópicos e o expletivo *ele*. Vamos primeiro testar os constituintes topicalizados. Importa notar que a co-ocorrência de *àgora* com tópicos

<sup>5</sup>*Àgora* exhibe um comportamento pouco natural quando associado, sobretudo, a sujeitos pré-verbais. Tendo em conta que, em português, “à estrutura sintáctica sujeito-predicado corresponde a estrutura temática tópico-comentário” (cf. Duarte 2003: 316), em frases com sujeitos pré-verbais o sujeito é obrigatoriamente interpretado como tópico e não como foco: será este facto que determina a pouca aceitabilidade dessas frases, já que, como defendo adiante neste trabalho (cf. 4.1.), nas construções com *àgora* recai sobre todos os constituintes não elididos uma interpretação de foco, o que não é possível com os sujeitos pré-verbais se estes forem, à partida, interpretados como tópico.

não é uniforme, sendo a sua associação a este tipo de constituintes particularmente pouco aceitável quando se realizam mais do que um argumentos verbais<sup>6</sup>, como se vê em (20) e (21):

- (20) A: O bolo, o João comeu.  
 B: a. ???Àgora o bolo o João comeu.  
 b. \*O bolo àgora o João comeu.
- (21) A: À Rita, dei um livro.  
 B: a. ???Àgora à Rita deste um livro.  
 b. \*À Rita àgora dei um livro.

Ainda que os exemplos acima sejam, todos eles, pouco aceitáveis, não deixa de ser relevante reparar que as opções b., nas quais *àgora* é posposto ao constituinte topicalizado, são claramente agramaticais, ao passo que as opções a., em que o marcador de negação é anteposto, são mais aceitáveis (a fraca aceitabilidade marcada com “???” para as opções a. decorrerá do facto de haver uma retoma integral da asserção anterior sem existir uma continuação rectificativa – cf. 4.2 –, e não da posição de *àgora* relativamente ao tópico). No entanto, é possível encontrar contextos específicos em que a co-ocorrência de tópicos e *àgora* é aceitável (nomeadamente, estruturas em que ocorre apenas um argumento do verbo, como é o caso de (22)-(24)). Nestes casos, a condição para a formação de frases aceitáveis é, tal como para os constituintes testados atrás (cf. (16)-(19)), *àgora* ser-lhes anteposto.

- (22) A: A mim, irrita-me.  
 B: a. Àgora a ti irrita-te.  
 b. \*A ti àgora irrita-te.
- (23) A: Desses, preciso.  
 B: a. Àgora desses precisas. Já tens imensos.  
 b. \*Desses àgora precisas. Já tens imensos.
- (24) A: Ao avô, escrevo-lhe, não lhe telefono.  
 B: a. Àgora ao avô escreves-lhe. Escreves é à tia. / Ao avô telefonas.  
 b. \*Ao avô àgora escreves-lhe. Escreves é à tia. / Ao avô telefonas.

Paralelamente, *àgora* deve preceder focos contrastivos antepostos. Veja-se, em (25), que *àgora* ocorre anteposto ao quantificador negativo *nada*, que aqui surge focalizado<sup>7</sup>. Em (26), onde co-ocorre com um outro tipo de foco contrastivo anteposto (não quantificacional), verifica-se a mesma restrição.

- (25) A: Nada me disse.  
 B: a. Àgora nada te disse. Disse-te tudo!  
 b. \*Nada àgora te disse. Disse-te tudo!
- (26) A: Comigo fala.  
 B: a. Àgora contigo fala. Fala é comigo!  
 b. \*Contigo àgora fala. Fala é comigo!

<sup>6</sup> Este facto pode ser explicado, conforme mostro adiante, pela necessidade de nas frases com *àgora* se dever elidir todo o material que pode ser elidido.

<sup>7</sup> De acordo com Duarte (1987), os quantificadores negativos só podem ser focalizados e nunca topicalizados, pelo que o exemplo apresentado representa um foco e não um tópico.

Observemos, agora, o comportamento de *àgora* em co-ocorrência com o expletivo *ele* (cf. Carrilho 2005, 2008). Em Carrilho (2005) apresenta-se fundamentação empírica e testes sintácticos que comprovam que o expletivo *ele*, em Português, é um constituinte periférico à esquerda. A autora dá conta da existência de três tipos de expletivo *ele*: um primeiro tipo que é identificado como expletivo *ele* pré-verbal periférico, de que (27) é exemplo; uma construção que integra o que a autora designa por expletivo *ele* pré-verbal impessoal, como em (28); e um expletivo *ele* pós-verbal (29):

- (27) “*Ele* o tear do pardo era muito largo.”  
 (28) “*Ele* é assim.”  
 (29) “aqui debaixo tenho *ele* assim umas pias para os pequeninos...”

Os três tipos de expletivo estudados pela autora posicionam-se na periferia esquerda da frase, sendo que o expletivo *ele* pré-verbal (do tipo de (27) e (28)) ocupa uma posição mais à esquerda, concretamente ForceP (Rizzi 1997)<sup>8</sup>, e o pós-verbal (do tipo de (29)) associa-se a uma posição estrutural mais baixa, concretamente EvaluativeP (Ambar 1999)<sup>9</sup>.

Vale portanto a pena, para os propósitos desta investigação, observar o comportamento de *àgora* em co-ocorrência com o expletivo pré-verbal do tipo de (27) e (28), que ocupa, como referi, a posição mais à esquerda da frase:

- (30) A: Ele o tear do pardo era muito largo.  
 B: a. ???\**Àgora ele* o tear do pardo era muito largo.  
 b. \**Ele àgora* o tear do pardo era muito largo.  
 (31) A: Ele é assim.  
 B: a. ??*Àgora ele* é assim.  
 b. \**Ele àgora* é assim.  
 (32) A: Ele chove!  
 B: a. ?*Àgora ele* chove.  
 b. \**Ele àgora* chove.  
 (33) A: Ele o dia está feio.  
 B: a. ???\**Àgora ele* o dia está feio.  
 b. \**Ele àgora* o dia está feio.

Quero ressaltar, relativamente a este assunto, alguns aspectos. Note-se, antes de mais, que as construções com *àgora* tanto do tipo de (22)-(24) como de (30)-(33) não serão as mais produtivas; no entanto, o que é evidente é que as estruturas em que *àgora* é posposto aos constituintes em análise são notoriamente agramaticais. Por outro lado, no que toca às co-ocorrências com o expletivo *ele*, não desconsidero a hipótese de haver uma certa incompatibilidade pragmática entre *àgora* e esse elemento, relacionada com os valores interpretativos associados a cada um, e poder ser isso que dita a pouca aceitabilidade da generalidade das estruturas em (30)-(33), ainda que possa estar igualmente em causa uma incompatibilidade sintáctica por *àgora* e *ele*

<sup>8</sup> Em Pereira (2010) apresento alguns argumentos que sustentam esta ideia. Mostro, por exemplo, que *àgora* apresenta propriedades discursivas que o relacionam com essa posição: marca um tipo de frase (asserções responsivas) e expressa uma força ilocutória específica (objecção). Note-se que as noções de *clause type* e *illocutionary force* são tipicamente associadas a ForceP, onde se acredita estarem codificadas essas propriedades discursivas (ver, entre outros, Rizzi 1997 e Haegeman 2002). Por outro lado, provo que *àgora* surge invariavelmente anteposto a focos e tópicos, é incompatível com o expletivo *ele* (constituinte associado à posição de especificador de ForceP – cf. Carrilho 2008), e é também incompatível com constituintes *wh*-exclamativos – que estão também associados à posição mais alta de CP.

<sup>9</sup> Ainda que este expletivo seja pós-verbal, em Carrilho (2005) mostra-se que ele não pode surgir numa posição interna a VP. Trata-se, tal como o expletivo pré-verbal, de um expletivo periférico, apesar de ocupar uma posição mais baixa na periferia esquerda.

competirem por uma mesma posição na estrutura da frase<sup>10</sup>. Seja como for, os dados aqui expostos mostram amplamente que *àgora* tem, de facto, requisitos de primeira posição e deve ocorrer, invariavelmente, anteposto a qualquer constituinte que também ocorra na posição mais à esquerda da frase.

Ainda que aqui não interesse debater pormenorizadamente este assunto, vale a pena notar que estes dados relativos à ordem em que *àgora* ocorre na frase se mostram também relevantes no sentido de perceber qual a representação sintáctica associada a *àgora*. Assim, com base nestes e noutros dados, sugiro em Pereira (2010, 2011) que *àgora* ocorre em Spec, ForceP (de acordo com a terminologia de Rizzi 1997), postulando que é a existência de um traço [+exclamativo] em *àgora* que justifica os requisitos de primeira posição evidenciados por este marcador. A natureza exclamativa de *àgora* é evidenciada pela incompatibilidade deste elemento com outros constituintes exclamativos (*wh*-exclamativos), como comprova, por exemplo, a impossibilidade de co-ocorrência de *àgora* e *que* numa frase do tipo “\**Àgora que lindo está!*” (como resposta a “*Que lindo está!*”). Também a prosódia associada às estruturas com *àgora* aponta para a existência de um traço [+exclamativo] neste marcador: as frases com *àgora* apresentam um padrão entoacional descendente, que, segundo Prieto 2002, é típico de frases declarativas exclamativas<sup>11</sup>.

Mas voltando ao que neste ponto, a um nível descritivo, importa reter, sublinho que os dados apontados atrás mostram que, em co-ocorrência com outros constituintes cuja posição não marcada é, também, a periferia esquerda (como o expletivo *ele*, tópicos e focos), a posição mais à esquerda da frase é reservada ao marcador *àgora*.

#### 4.1.2. Elipse

O exemplo (34) ilustra uma das ocorrências mais produtivas de negação com *àgora*: a ocorrência isolada, em que toda a frase é elidida.

- (34) A: O livro é grande  
B: *Àgora!*

No entanto, além da ocorrência isolada, o marcador *àgora* pode, também, co-ocorrer com outros constituintes, sendo o verbo o elemento a que, preferencialmente, se associa:

- (35) A: O livro é grande.  
B: *Àgora é!*

A justificação para o carácter menos marcado destas construções comparativamente a outras, nomeadamente frases em que não há elipse dos restantes constituintes, encontra-se na estrita relação existente entre o conceito de resposta e as estruturas com *àgora*. Conforme irei mostrar, há, não só, uma relação entre *àgora* e esse conceito como há, por sua vez, uma relação entre resposta e elipse. Atentemos então nos próximos parágrafos, em que exploro esta questão.

À semelhança do que é proposto e implementado em Jones (1999) e Farkas e Bruce (2010), uso, aqui, o conceito de resposta num sentido mais lato do que aquele em que tradicionalmente se aplica, mostrando que é um conceito aplicável tanto às típicas respostas a frases interrogativas como também a réplicas/reacções a asserções. Nesse sentido, defendo que as frases que expressam negação metalinguística – e, portanto, aquelas que incluem o marcador *àgora* – são

<sup>10</sup> Conforme se sugere em Pereira (2010, 2011), a agramaticalidade das construções em que co-ocorrem *àgora* e o expletivo *ele* também pode ser explicada pelo facto de ambos os constituintes concorrerem pela mesma posição sintáctica. Quanto à eventual incompatibilidade pragmática sugerida, ainda é necessário explorar mais a fundo essa questão, de forma a perceber o seu peso efectivo.

<sup>11</sup> Ver, sobre este assunto, Pereira (2010: 83ss).

respostas, ou, nos termos de Farkas e Bruce (2010), *asserções responsivas*. Farkas e Bruce (2010) estabelecem um paralelo entre interrogativas totais e asserções sustentado pelo facto de ambas provocarem reacções, justificando-se, assim, a ampliação do conceito de resposta:

[we] define default assertions and default polar questions in a way that allows us to characterize two types of responses to these speech acts, confirming and reversing reactions. The common characteristics of assertions and polar questions are responsible for the fact that both allow these reactions (cf. Farkas e Bruce 2010: 81).

Os dois tipos de reacções (ou, se quisermos, respostas) e de contexto prévio que as autoras referem são os que se apresentam em (36) e (37), exemplos extraídos do texto de Farkas e Bruce (2010: 2).

- (36) Anne: Sam is home.  
Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.
- (37) Anne: Is Sam home?  
Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.

Uma ideia semelhante é apresentada em Jones (1999), num trabalho sobre os padrões de resposta do Galês. O autor distingue entre *answers* (típicas respostas a interrogativas) e *responsives*, sendo estes aplicáveis num sentido amplo, abrangendo não apenas respostas a interrogativas (cf. (38)) mas, também, comentários relativamente a uma asserção prévia (cf. (39)): "The discourse acts that responsives denote can be of two general types: elicited ones (such as an answer to a question) or unelicited ones (such as an agreement to a previous statement" (cf. Jones 1999: 130).

- (38) A: Is it raining?  
B: It is raining./It is.
- (39) A: You must do like this.  
B: Yes, like that.

É esta abordagem do conceito de resposta, tal como proposto nestes dois trabalhos, que sigo nesta investigação. Se repararmos, sendo a negação metalinguística, caracteristicamente, a contestação de uma asserção prévia, faz todo o sentido considerar as frases que expressam negação metalinguística como respostas, na medida em que constituem uma reacção/um comentário a essa asserção prévia e são, nesse sentido, respostas. Por outro lado, conforme mostro abaixo nesta secção, em PE o comportamento sintáctico do marcador *àgora* estabelece estritas relações com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não* do Português e, ainda, com os padrões de resposta do Galês – dados que constituem fortes argumentos a favor de que a negação metalinguística com *àgora* equivale sempre a uma resposta.

Na realidade, e como o texto de Jones faz notar, a elipse é um fenómeno comum nos padrões de resposta de várias línguas. O exemplo abaixo, dado pelo autor, mostra como as respostas elípticas são perfeitamente possíveis, e até preferenciais, em línguas que, como o Inglês (e o Português), permitem elipse do VP.

- (40) A: Is it raining?  
B: a. It is raining.  
b. It is.

Assim, também em Português o que de uma forma geral se passa é que a resposta mais natural a uma interrogativa *sim/não* é a opção do tipo (41) b. e c.: respostas com frases elípticas, sendo a opção que recupera toda a frase bastante pouco natural:

- (41) A: O João foi à praia?  
 B: a. #O João foi à praia.  
 b. Foi.  
 c. Sim(, foi).

Veja-se agora como, de facto, há um forte paralelismo estrutural entre as respostas com *àgora* e o sistema de respostas a interrogativas *sim/não* do Português. Começo por mostrar que são, efectivamente, as respostas elípticas que constituem as opções menos marcadas no sistema de respostas a interrogativas *sim/não* do português. Em (42) apresento possibilidades de resposta afirmativas e em (43) negativas:

- (42) A: O João comprou um carro?  
 B: a. Comprou.  
 b. #O João comprou um carro.  
 c. \*Comprou um carro<sup>12</sup>.  
 d. \*O João comprou.  
 (43) A: O João comprou um carro?  
 B: a. Não.  
 b. #O João não comprou um carro.  
 c. \*Não comprou um carro.  
 d. \*O João não comprou.

Constata-se então que a resposta não marcada é a resposta verbal ou, na sua ausência, o seu reverso polar (*não*). Como mostra o paradigma abaixo, esse padrão é visível também nas construções com *àgora*. Note-se que a interpretação das respostas em (45-B-a) e (45-B-b) é de discordância relativamente à asserção negativa precedente, enquanto uma resposta em que ocorresse apenas a palavra *não* expressaria concordância com a asserção em (45-A). Este contraste deve-se ao facto de o marcador de negação metalinguística não estabelecer relações de concordância negativa, conforme já referimos.

- (44) A: O João comprou um carro.  
 B: a. *Àgora*. / *Àgora* comprou.  
 b. #*Àgora* o João comprou um carro<sup>13</sup>.  
 c. \**Àgora* comprou um carro.  
 d. \**Àgora* o João comprou.  
 (45) A: O João não comprou um carro.  
 B: a. *Àgora*. / *Àgora* não.  
 b. *Àgora* o João não comprou um carro.  
 c. \**Àgora* não comprou um carro.  
 d. \**Àgora* o João não comprou.

<sup>12</sup> Este exemplo, tal como (42Bd), (43Bc) e (43Bd), seria gramatical apenas num contexto em que uma continuação permitisse interpretar o constituinte não elidido ou como tópicico contrastivo ou como foco marcado. Numa interpretação neutra, a resposta mostra-se agramatical. Este é um contraste também observável nas respostas com *àgora*.

<sup>13</sup> Esta frase, não sendo agramatical, é desajustada num contexto discursivo neutro, já que se espera, com a retoma integral da frase, que a ela se siga uma continuação rectificativa dando conta dos motivos pelos quais se contesta a asserção, ou determinado constituinte da asserção.

Note-se, aliás, que há ainda uma outra situação de paralelismo entre as duas estruturas: quando, numa frase interrogativa, ocorre o advérbio *nunca*, a resposta pode ser dada retomando o mesmo advérbio ou recorrendo ao marcador de negação predicativa *não* (será esta, possivelmente, a opção preferencial):

- (46) A: Nunca foste ao jardim zoológico?  
B: Não. / Nunca.

O mesmo acontece quando a resposta exhibe negação metalinguística com *àgora*:

- (47) A: Nunca fui ao jardim zoológico.  
B: *Àgora* não. / *Àgora* nunca.

Veja-se, ainda, que se considerarmos, por exemplo, um contexto prévio com presença de verbos auxiliares, verifica-se que, tanto nas respostas polares como na negação com *àgora*, se prefere a opção que repete apenas o verbo finito:

- (48) A: Vais correr?  
B: Vou.  
(49) A: Vou correr.  
B: *Àgora* vais.

Igualmente relevante é notar que as observações que Jones faz sobre elipse para os *responsives* do Galês (i.e. para os padrões de resposta do Galês) são válidas também para *àgora*, notando-se um paralelismo exacto entre as duas estruturas. De acordo com o autor, uma das características dos *responsives* é a necessidade de elipse de todo o material que pode ser elidido: “In the case of a responsive, the domain of ellipsis must be [...] strictly defined [...]” (cf. Jones 1999: 190). Consequentemente, os padrões de resposta existentes no Galês podem consistir, simplesmente, (i) nas partículas afirmativa *ie* ou negativa *nage*; (ii) na repetição da forma finita do verbo; ou, nalguns casos, (iii) na repetição de alguns nomes e adjectivos. (cf. Jones 1999: 43ss). Se considerarmos, particularmente, as opções que de acordo com Jones são as mais produtivas (as estruturas do tipo (i) e (ii)), teremos as seguintes possibilidades para respostas negativas em Galês:

- (50) *nage* [partícula negativa]  
na [partícula negativa]+verbo;

Comparando essas estruturas com as respostas com *àgora* que considerámos, atrás, serem as de carácter menos marcado – aquelas em que há elipse de toda a frase e *àgora* surge isolado ou, alternativamente, aquelas em que há elipse de VP e ocorrem, apenas, *àgora* e o verbo (cf. (34) e (35), que aqui reproduzo em (51) para facilidades de exposição – o paralelismo estrutural é óbvio:

- (51) A: O livro é grande.  
B: *Àgora*. / *Àgora* é.

Após a observação dos dados de (34)-(51), verificam-se duas situações: (i) a ideia de se elidir todo o material que pode ser elidido aplica-se, tal como nos *responsives* (e nos sistemas de

respostas das línguas em geral), às respostas com *àgora*; e (ii) nota-se um paralelismo estrutural perfeito, por um lado, entre o sistema de respostas a interrogativas *sim/não* do Português e as respostas com *àgora* e, por outro, entre estas e, por exemplo, as respostas negativas do Galês. Explica-se, assim, o carácter menos marcado das estruturas do tipo de (34) e (35), relativamente àquelas em que não há elipse dos constituintes que podem ser elididos<sup>14</sup>.

#### 4.1.3. Polaridade

Tendo ficado claro, no ponto anterior, que as construções com *àgora* com carácter menos marcado são as estruturas elípticas do tipo de (34) e (35), o objectivo neste momento é mostrar com que tipo de constituintes *àgora* pode co-ocorrer quando não ocorre com o verbo. Veja-se em (52) e (53) o tipo de frase e o tipo de elipse a que me refiro. Uma vez que os marcadores de negação metalinguística não estabelecem relações de concordância negativa, sendo por isso que não legitimam IPNs (cf. (10)), em frases como (52B), em que há co-ocorrência de dois elementos negativos, expressa-se discordância relativamente à proposição negativa anterior.

- (52) A: Não está a chover.  
 B: *Àgora* não.-  
 (53) A: O pai já chegou.  
 B: *Àgora* já.

Há um primeiro aspecto evidente: no dialecto minhoto, ao contrário do que se passa nas variantes centro-meridionais, as frases em que o marcador *àgora* ocorre com expressões nominais (cf. (54) e (55)) e adjectivos (cf. (56) e (57)) são agramaticais:

- (54) A: Está frio.  
 B: a. *Agora* frio.  
 b. \**Àgora* frio.  
 (55) A: Vamos ver um filme.  
 B: a. *Agora* um filme.  
 b. \**Àgora* um filme.  
 (56) A: A situação está feia.  
 B: a. *Agora* feia.  
 b. \**Àgora* feia.  
 (57) A: Está triste.  
 B: a. *Agora* triste.  
 b. \**Àgora* triste.

Note-se que as respostas com *àgora* que integram advérbios exibem, em geral, o mesmo tipo de agramaticalidade, continuando a ser aceitáveis nas outras áreas dialectais:

- (58) A: A viagem correu bem.  
 B: a. *Agora* bem.  
 b. \**Àgora* bem.  
 (59) A: A casa fica longe.

<sup>14</sup> Note-se que esta estrita relação entre *àgora* e elipse é uma especificidade do dialecto minhoto, já que a situação não se verifica, da mesma forma, nos dialectos centro-meridionais. Como já foi referido, o que acontece nestes dialectos é que o marcador de negação ocorre, obrigatoriamente, em adjacência ao verbo ou em posição final de frase.

B: a. *Agora longe.*

b. \**Àgora longe.*

(60) A: Chegaste depressa!

B: a. *Agora depressa.*

b. \**Àgora depressa.*

Estes resultados parecem sugerir que *àgora* é mais restritivo do que *agora* relativamente aos elementos com que co-ocorre. O que se impõe é, pois, saber que tipo de elementos podem associar-se a *àgora*. Vejamos, então, as frases abaixo:

(61) A: Não estou bonita.

B: *Àgora* não. Estás linda!

(62) A: Nunca telefonaste.

B: *Àgora* nunca/*àgora* não. Telefonei todos os dias!

As frases (61) e (62) são, desta vez, frases perfeitamente gramaticais. Ora, perante estes dados, é possível começar a esboçar uma justificação para as diferenças de gramaticalidade observadas: se repararmos, o que há em comum entre os elementos não-verbais que até agora mostrei ser possível ocorrerem com *àgora* (*não* e *nunca*), e que os distingue das outras palavras testadas anteriormente, é o facto de *não* e *nunca* serem palavras que expressam polaridade, e que, por isso, constituem padrões de resposta mínima a interrogativas *sim/não*.

De acordo com o descrito em Martins (2009) relativamente ao sistema de respostas mínimas do PE, além de respostas com o verbo e com *sim* existe ainda a opção de a resposta ser dada através de advérbios:

Besides verbal answers and sim-answers, Portuguese also displays adverbial answers, which repeat certain adverbs occurring in the question [...] Core adverbs defining the relevant pattern are *também*, *só*, *já*, *ainda*, *quase*, *talvez*, *sempre* (cf. Martins 2009: 6ss).

Testemos, então, o comportamento de *àgora*, em frases elípticas, junto dos advérbios que também constituem respostas mínimas a interrogativas *sim/não* (*também*, *só*, *já*, *ainda*, *quase*, *talvez*, *sempre*), de forma a comprovar ou invalidar esta possível relação.

(63) A: Também fui.

B: ??*Àgora também!*

(64) A: Só há um chocolate.

B: ?*Àgora só!*

(65) A: O pai já chegou.

B: *Àgora já!*

(66) A: Ainda me lembro.

B: ?*Àgora ainda.*

(67) A: O jantar quase chegou.

B: ?*Àgora quase.* Ficámos todos com fome.

(68) A: Talvez venha.

B: ??*Àgora talvez.*

(69) A: Sempre pratiquei karaté.

B: *Àgora sempre!*

Se testarmos com outro tipo de advérbios (como, por exemplo, advérbios em *-mente* ou advérbios temporais), verificamos que os resultados são inequivocamente agramaticais (cf. (70)-(72)), o que significa que é a propriedade que une os advérbios anteriores (poderem constituir resposta mínima a interrogativas *sim/não*) que explica as diferenças de gramaticalidade.

(70) A: O Pedro falou inteligentemente/convictamente.

B: \**Àgora inteligentemente/convictamente.*

(71) A: Eles vieram ontem.

B: \**Àgora ontem.*

(72) A: Conheci-o hoje.

B: \**Àgora hoje.*

Podemos, assim, tecer a seguinte generalização: *àgora* associa-se, em frases elípticas, às palavras que expressam polaridade e que podem ocorrer como respostas mínimas a interrogativas polares. Além do verbo, esses elementos são o marcador de negação predicativa *não*, o advérbio negativo *nunca* e os advérbios que permitem gerar respostas adverbiais (*já, também, só, ainda, quase, talvez, sempre*). É precisamente este facto que explica um outro contraste observado entre as áreas dialectais que estou a considerar: se nos dialectos centro-meridionais o marcador de negação metalinguística pode associar-se a outros marcadores da mesma natureza, como *cá* e *lá*<sup>15</sup> (cf. (73)), o mesmo não acontece no dialecto minhoto (cf. (74)), porque esses constituintes não pertencem ao conjunto dos elementos que podem ocorrer como respostas mínimas a uma interrogativa polar.

(73) A: O João comprou uma casa.

B: *Agora lá. / Agora cá.*

(74) A: O João comprou uma casa.

B: \**Àgora lá. / \*Àgora cá.*

## 4.2. Especificidades interpretativas: a proeminência discursiva

Além das possibilidades de ocorrência de *àgora* já enunciadas – *àgora* isolado, associado ao verbo ou a elementos que expressam polaridade – *àgora* pode, ainda, co-ocorrer com outros constituintes além do verbo, em estruturas do tipo [*àgora*+V+X] e [*àgora*+X+V], e em que o terceiro elemento a que *àgora* e o verbo se associam não expressa polaridade. E desde já se nota outro contraste entre as áreas dialectais em análise, pois se no dialecto minhoto há esta possibilidade de interposição de constituintes entre *àgora* e o verbo, lembremos, como foi já dito acima, que para os dialectos centro-meridionais o marcador de negação ocorre necessariamente em adjacência ao verbo ou marginalmente em final de frase (cf. (13)-(15)). Pretendo mostrar, nesta secção, que há efeitos interpretativos muito claros associados a construções do tipo [*àgora*+V+X] e [*àgora*+X+V]: o que acontece, nestes casos, é que *àgora* e o verbo co-ocorrem com constituintes que revelam proeminência discursiva.

### 4.2.1. As estruturas do tipo [*àgora*+V+X]

Retomando o que foi exposto acima sobre elipse, é consensualmente aceite que, numa resposta, todos os constituintes que podem ser elididos deverão ser elididos. Observando as seguintes

<sup>15</sup> Note-se que esta estrita relação entre *àgora* e elipse é uma especificidade do dialecto minhoto, já que a situação não se verifica, da mesma forma, nos dialectos centro-meridionais. Como já foi referido, o que acontece nestes dialectos é que o marcador de negação ocorre, obrigatoriamente, em adjacência ao verbo ou em posição final de frase.

frases, notamos que a opção mais natural é a a., apesar de não se poder considerar a b. agramatical:

- (75) A: Comeram o bolo.  
 B: a. *Àgora* comeram.  
 b. *Àgora* comeram o bolo.

Na verdade, ainda que b. não seja agramatical, na negação metalinguística com *àgora* há uma muito clara preferência pela opção a. A preferência por frases desse tipo acontece porque, nos casos em que os argumentos são realizados, torna-se obrigatória uma leitura de foco, que incide nos constituintes que não foram elididos. Assim, seria natural haver uma continuação rectificativa do tipo:

- (76) *Àgora* comeram o bolo. Comeram foi os chocolates.

A opção não marcada, de interpretação neutra, seria, portanto, (75-B-a). Esclareça-se que a noção de foco que aqui adopto para me referir às construções do tipo de (76) é a de foco contrastivo, na linha do que é proposto por Zubizarreta (1999). De acordo com a autora, o foco contrastivo é uma opção marcada e contrapõe-se ao foco informacional, considerado neutro. Ao contrário deste, a primeira característica do foco contrastivo é ter como contexto, em vez de uma pergunta, uma asserção (cf. Zubizarreta 1999: 4228). Vejam-se os exemplos abaixo, adaptados de Zubizarreta:

- (77) A: O gato comeu um canário.  
 B: O gato comeu [<sub>F</sub>um rato] (não um canário).  
 (78) A: O cão comeu um rato.  
 B: [<sub>F</sub>O gato] comeu um rato (não o cão).

O foco contrastivo é assim, segundo a autora, a negação do valor atribuído pela asserção prévia a uma determinada variável e a atribuição de um novo valor a essa variável<sup>16</sup>. Desta forma, é possível, com base na caracterização de foco contrastivo de Zubizarreta (1999), descrever o que acontece nas estruturas com *àgora*. Há, sempre, uma frase declarativa prévia relativamente à qual vai haver uma contestação. No caso de na negação com *àgora* os argumentos não serem elididos, indica-se qual é a parte da pressuposição que vai ser contestada. Ao serem objecto de proeminência discursiva, os constituintes não elididos são identificados como o valor negado para uma dada variável. O foco contrastivo propriamente dito (nos termos de Zubizarreta) aparecerá na frase subsequente mas foi, por assim dizer, pré-anunciado pelo seu correspondente estrutural na frase com *àgora*.

- (79) A: A tia comprou uma bicicleta.  
 B: *Àgora* comprou uma bicicleta. Comprou foi uma mota!  
 (80) A: A Ana comprou um carro.  
 B: *Àgora* comprou um carro. Comprou um camião!  
 (81) A: A avó telefonou à Rita.  
 B: *Àgora* telefonou à Rita. Telefonou à Sara!

<sup>16</sup> Como refere a autora, "por un lado niega una parte de la presuposición introducida por el contexto asertivo, más precisamente niega el valor atribuído por la presuposición a una cierta variable [...]; por otro lado, asigna un valor alternativo a esta variable" (cf. Zubizarreta 1999: 4228).

Outro tipo de constituintes que podem ocorrer no tipo de estrutura [àgora+V+X] são os sujeitos pós-verbais, e também sobre eles recai uma proeminência discursiva. Testemos, então, situações com alguns verbos que permitem, facilmente, a ocorrência de sujeitos pós-verbais, como os inacusativos *chegar*, *cair* e *morrer* e os inergativos *nadar* e *correr*:

- (82) A: Chegou o João.  
B: *Àgora* chegou o João. Chegou foi o pai!
- (83) A: Caiu o copo.  
B: *Àgora* caiu o copo. Caiu foi a garrafa!
- (84) A: Morreram as crias.  
B: *Àgora* morreram as crias. Só uma é que morreu!
- (85) A: Nadou a Maria.  
B: *Àgora* nadou a Maria. Quem nadou foi o Rui.
- (86) A: Correram os atletas.  
B: *Àgora* correram os atletas. Quem correu foi o treinador.

Também nestes casos se pode verificar que estes constituintes são alvo de proeminência discursiva, como mostram as frases subsequentes nesses exemplos<sup>17</sup>.

A proeminência discursiva aplica-se, ainda, a complexos verbais. Nestes casos, a opção não marcada consiste em manter o verbo finito; de outra forma, haverá necessariamente proeminência discursiva sobre o verbo não-finito, e subsequente ocorrência de um foco contrastivo.

- (87) A: Vou correr.  
B: *Àgora* vais.
- (88) A: Vou correr.  
B: *Àgora* vais correr. Vais é trabalhar.

Veja-se como, no exemplo exposto, o facto de ter sido introduzido o verbo *ser* na segunda frase (“Vais é trabalhar”) indica que se trata de uma construção clivada. Ora, sabendo-se que nas estruturas clivadas se colocam em destaque determinados constituintes da frase, a escolha desta construção evidencia que há um constituinte em destaque na asserção anterior (*correr*), com o qual o constituinte em destaque na clivada (*trabalhar*) vai contrastar. A possível paráfrase “não é correr que vou, vou é trabalhar” torna evidente, portanto, a leitura de foco subjacente ao tipo de construção com o marcador *àgora* que estamos a discutir (ou seja, a construção em que certos constituintes escapam ao processo de elipse).

Note-se que no caso de haver retoma integral de toda a asserção sem que se retome um constituinte em particular, como em (89), pode ficar disponível uma leitura que não é de focalização contrastiva, pois envolve proeminência discursiva sobre toda a frase. Nestes casos, a retoma integral do antecedente sugere, genericamente, uma descrença do falante relativamente à asserção prévia, sendo que a interpretação imediata é a de que surgirá, em seguida, uma continuação que explicita os motivos pelos quais há reservas quanto ao antecedente, sem que haja, necessariamente, um constituinte em particular a ser contestado:

- (89) A: Comprei uma mota.  
B: *Àgora* compraste uma mota. Nem sequer gostas de motas

<sup>17</sup> Repare-se então que, ao contrário do que foi dito para os sujeitos pré-verbais, a co-ocorrência de *àgora* com sujeitos pós-verbais é bastante aceitável.

## 4.2.2. As estruturas do tipo [àgora+X+V]

Se analisarmos, agora, estruturas do tipo [àgora+X+V], verificamos que mais uma vez a proeminência discursiva se mantém. É o que provam as frases (90)-(99), em que testo o comportamento de *àgora* com palavras que tipicamente ocorrem, de forma não marcada, em posição pré-verbal: são elas o marcador de negação predicativa *não*, a palavra negativa *nunca*, quantificadores, certos advérbios e sintagmas nominais focalizados por um advérbio focalizador.

- (90) A: Todos vieram.  
B: *Àgora todos* vieram. Não veio ninguém!
- (91) A: Muitos telefonaram.  
B: *Àgora muitos* telefonaram. Só telefonou a Ana!
- (92) A: Poucos quiseram.  
B: *Àgora poucos* quiseram. Quiseram todos os que cá estavam!
- (93) A: Ninguém te viu.  
B: *Àgora ninguém* me viu. Viu-me o Paulo!
- (94) A: O jantar era pouco, mas quase chegou.  
B: *Àgora quase* chegou! Ficámos todos com fome!
- (95) A: Ela já chegou.  
B: *Àgora já* chegou. Ainda está em casa!
- (96) A: Só vi o Pedro.  
B: *Àgora só* viste o Pedro. Viste os amigos todos.
- (97) A: Hoje não vou.  
B: *Àgora hoje* não vais! Vais e é já!
- (98) A: Até o Pedro veio.  
B: *Àgora até o Pedro* veio. Nem telefonou.
- (99) A: Só ele ajudou.  
B: *Àgora só ele* ajudou. Ele desapareceu logo.

Em todos estes exemplos existe, mais uma vez, uma leitura contrastiva (seja ou não de foco contrastivo *stricto sensu*): surge, em qualquer dos casos, muito naturalmente, a seguir à frase negativa, uma asserção rectificativa que põe em contraste dois constituintes estruturalmente paralelos<sup>18</sup>.

Ainda relativamente aos constituintes que se podem interpor entre *àgora* e o verbo, vale a pena considerar, com alguma atenção, o caso dos advérbios, já que é possível detectar alguns contrastes de gramaticalidade entre frases que integram estes constituintes. Se nos centrarmos, por exemplo, nos advérbios em *-mente*, verificamos que alguns geram resultados agramaticais, ou, pelo menos, muito marginais (cf. (100) e (101)), ao passo que outros não (cf. (102) e (103)).

- (100) A: Infelizmente, o cão fugiu.  
B: ???*Àgora infelizmente* fugiu. Não fugiu nada! / Felizmente fugiu!
- (101) A: Inesperadamente, gostaram.  
B: ???*Àgora inesperadamente* gostaram. Não gostaram nada! / Eu sabia que iam gostar.
- (102) A: Normalmente corremos.  
B: *Àgora normalmente* corremos. Nunca fazemos exercício!
- (103) A: Raramente vens.  
B: *Àgora raramente* venho. Venho todos os dias!

<sup>18</sup> Isto acontece porque o que une os elementos que podem separar *àgora* do verbo é o facto de estarem associados a polaridade ou foco contrastivo.

Esta situação explica-se se considerarmos uma tipologia semântica dos advérbios. Ainda que haja vários trabalhos sobre este tema que pode valer a pena explorar (nomeadamente Cinque 1999), sigo aqui exclusivamente a tipologia proposta por Costa e Costa (2001) para os advérbios do Português, já que, como veremos, as distinções traçadas por estes autores são suficientes para dar conta do que quero evidenciar nas estruturas com *àgora*. Segundo Costa e Costa (2001), sob o ponto de vista semântico, podemos considerar a existência de um tipo de advérbios a que os autores chamam “orientados para o falante”, de que (104) a (106) são exemplo:

- (104) Felizmente, o Pedro fechou a porta.
- (105) Infelizmente, o Pedro fez um bolo.
- (106) Surpreendentemente, o Pedro entornou o café.

De acordo com os autores, estes advérbios denotam “um acto avaliativo por parte do falante” (cf. Costa e Costa 2001: 25), pelo que há, neles, uma função avaliativa. Segundo os mesmos autores, os advérbios com esta função são diferentes dos advérbios de modo, que descrevem “o modo como a acção foi feita”, e daí a impossibilidade de existir, para os primeiros advérbios, “a paráfrase que é adequada para os advérbios de modo” (Costa e Costa 2001: 25).

- (107) O Pedro fechou a porta de um modo feliz. (diferente de: Felizmente, o Pedro fechou a porta).
- (108) O Pedro fez um bolo de modo infeliz (diferente de: Infelizmente, o Pedro fez um bolo).
- (109) O Pedro entornou o café de um modo surpreendente (diferente de: Surpreendentemente, o Pedro entornou o café).

Ora, se repararmos, todos os advérbios que podem ser considerados sob esta designação, i.e., “orientados para o falante”, revelam-se agramaticais ocorrendo com *àgora*<sup>19</sup>:

- (110) \**Àgora* felizmente, o Pedro fechou a porta. (Não fechou a porta. / Não a devia ter fechado.)
- (111) \**Àgora* infelizmente, o Pedro fez um bolo. (Não fez bolo nenhum. / Ainda bem que não fez.)
- (112) \**Àgora* surpreendentemente, o Pedro entornou o café. (Não entornou café nenhum. / Toda a gente esperava.)

Paralelamente, se observarmos o que se passa com aqueles advérbios que os autores consideram ser “orientados para o sujeito” (cf. (113)), pelo facto de a paráfrase que melhor os traduz ser “aquela em que o advérbio de certa forma predica sobre o sujeito”, como em (114) (cf. Costa e Costa 2001: 24), reparamos que a sua co-ocorrência com *àgora* continua a ser pouco gramatical (cf. (115)).

- (113) O Pedro cuidadosamente fechou a porta.
- (114) Foi cuidadoso da parte do Pedro ter fechado a porta.
- (115) \*?*Àgora* cuidadosamente fechou a porta.

<sup>19</sup> Agradeço a um dos revisores a seguinte observação: “Respecto a la incompatibilidad de *àgora* con los adverbios orientados al hablante, cabe señalar que esos elementos tampoco pueden ser el constituyente refutado por una negación interna (o no metalingüística). Probablemente ello responda a que no forman parte del contenido proposicional de la construcción”.

Mas os autores postulam, ainda, a existência de duas outras classes semânticas: (i) advérbios de foco, cuja função é “focalizar um determinado constituinte [e] tem como consequência uma interpretação de exaustividade, [...] semelhante ao que acontece em construções de focalização contrastiva” (cf. Costa e Costa 2001: 25,26); e (ii) advérbios de realce, cuja “função é a de realçar ou enfatizar um determinado constituinte (cf. Costa e Costa 2001: 27). Os exemplos para cada um dos casos estão em (116) e em (117), respectivamente.

- (116) O Pedro só entornou o café.  
 Unicamente o Pedro fez um bolo.  
 O Pedro fechou somente a porta.

- (117) Até o Pedro leu o livro.  
 Mesmo o Pedro leu o livro.

Ora, se forem estes advérbios a co-ocorrerem entre *àgora* e o verbo o resultado passa a ser gramatical:

- (118) *Àgora só* entornou o café. Entornou o vinho também.  
 (119) *Àgora até o Pedro* leu o livro<sup>20</sup>. O Pedro é que não leu.  
*Àgora mesmo o Pedro* leu o livro. O Pedro é que não leu.

Constata-se, portanto, que apenas os advérbios que focalizam ou realçam algum constituinte ou que, por outro lado, são eles próprios passíveis de ser focalizados ou postos em realce, podem interpor-se entre *àgora* e o verbo, ficando, assim, excluídos os advérbios orientados para o falante e para o sujeito. Este facto aponta, pois, no sentido do que defendo: com *àgora* e o verbo co-ocorrem, apenas, constituintes focalizados contrastivamente, ou, de alguma forma, colocados em proeminência discursiva.

Em jeito de conclusão, refira-se que é possível que ocorram, entre *àgora* e o verbo, constituintes que exibem um outro tipo de focalização. Observe-se a frase abaixo:

- (120) A: A ti não te dou.  
 B: *Àgora a mim* não me dás. (Logo a mim, que gosto tanto de ti?)

Na realidade, se esta frase apresentasse um foco contrastivo seria natural produzir-se, na asserção posterior, uma estrutura clivada do tipo “A mim *é que* me vais dar!”. O que está em causa, aqui, é antes uma focalização enfática, no sentido em que há um constituinte sobre o qual recai a ênfase mas que não está, necessariamente, focalizado contrastivamente. Citando, uma vez mais, Zubizarreta:

these are purely emphatic in nature in that they negate or reassert part of the hearer’s presupposition but, unlike contrastive focused phrases, do not introduce a variable with na associated value (cf. Zubizarreta 1998: 102).

Serve isto para reforçar a ideia que tenho vindo a defender nestes últimos parágrafos. Ainda que, nas frases com *àgora*, a justificação mais frequente para a ocorrência de outros constituintes além do verbo seja, de facto, a focalização contrastiva, o que na verdade acontece, em todos os casos, é a existência de proeminência discursiva em todos os constituintes que podem co-ocorrer, simultaneamente, com o marcador de negação metalinguística *àgora* e o verbo.

<sup>20</sup> Neste caso, em rigor, ocorre entre *àgora* e o verbo não um advérbio, mas um sintagma nominal que integra um advérbio marcador de foco.

Note-se então que a proeminência discursiva é um fenómeno central para a compreensão das estruturas com *àgora*, que não se observa, na mesma medida, nos dialectos centro-meridionais. Nestes dialectos, uma frase como (121) é perfeitamente aceitável sem uma frase subsequente que introduza um foco contrastivo (que seria esperável com *àgora*):

(121)A: Comprei um carro.

B: Compraste agora um carro.

## 5. CONCLUSÃO

O primeiro objectivo deste trabalho era mostrar que, no dialecto minhoto, há dois usos distintos associados à palavra *agora*: um uso temporal e um uso de negação metalinguística – relativo às frases em que *agora* codifica negação – sendo que cada um desses diferentes valores apresenta diferentes realizações fonéticas. Foi o que fiz na parte inicial do trabalho. Sendo o propósito central da investigação descrever as especificidades das construções com *àgora* do dialecto minhoto, quando comparadas a construções equivalentes noutros dialectos, foi isso que tentei fazer na secção 4 ao expor as principais particularidades sintácticas daquele marcador de negação, referindo a sua relação com a periferia esquerda da frase (ao mostrar-se um elemento de primeira posição) e também a sua relação com os conceitos de resposta, eclipse e polaridade. Ficou assim claro que *àgora* ocorre, preferencialmente, isolado, associado apenas ao verbo ou, alternativamente, a constituintes que expressam polaridade. Mostrei, paralelamente, que, no caso de nas construções com *àgora* determinados constituintes não escaparem ao processo de eclipse, esses elementos são colocados em proeminência discursiva, sendo comum haver, nessas estruturas, uma focalização contrastiva. Todos estes aspectos contribuem, como terá tornado claro a análise contrastiva apresentada, para a percepção de que há, no que toca a *agora* enquanto marcador de negação metalinguística, especificidades muito óbvias que afastam o dialecto minhoto de outras áreas dialectais do território português.

## Agradecimentos

A Ana Maria Martins, sem a qual este estudo não teria existido, e aos dois revisores anónimos que avaliaram o artigo, pelos pertinentes comentários e sugestões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambar, Manuela (1999): "Aspects of the syntax of Focus in Portuguese", em Georges Rebuschi / Laurice Tuller (eds.), *The grammar of Focus*. Amsterdam / Philadelphia: John Benhamins Publishing Company, 23-53.
- Carrilho, Ernestina (2005): *Expletive 'ele' in European Portuguese dialects*. Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- Carrilho, Ernestina (2008): "Beyond doubling: overt expletives in European Portuguese dialects", em Sjeff et al. (eds.), *Syntax and semantics: microvariation and syntactic doubling*, vol. 36. Bingley: Emerald, 301-323.
- Cinque, Giuglielmo (1999): *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press.
- Costa, Ana / João Costa (2001): *O que é um advérbio*. Lisboa: Edições Colibri.
- Duarte, Inês (1987): *A construção de Topicalização na gramática do Português. Regência, ligação e condições sobre movimento*. Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- Duarte, Inês (2003): "Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras", em Maria

- Helena Mira Mateus *et al.* (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*, 7.ª edição. Lisboa: Caminho, 275-321.
- Farkas, Donka / Kim B. Bruce (2010): "On reacting to assertions and polar questions", *Journal of Semantics* 27, 81-118.
- Haegeman, Liliane (2002): "Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP", em Simon Mauck / Jenny Mittelstaedt (eds.), *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics* 2, 117-180.
- Horn, Laurence (1985): "Metalinguistic negation and pragmatic", *Language* 61, 121-174.
- Horn, Laurence (1989/2001): *A natural history of negation*. Chicago, 1989; CSLI Publications, 2001.
- Houaiss, Antônio (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- Jones, Bob Morris (1999): *The welsh answering system*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- Martins, Ana Maria (2009): "The Portuguese answering system", *Comunicação apresentada na Universidade de Zurique*. 16 de Outubro, 2009. Manuscrito, Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2010): "Negação metalinguística (*Já, cá e agora*)", em Ana Maria Brito *et al.* (eds.), *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 567-587.
- Pereira, Sílvia (2010): *O marcador de negação metalinguística 'agora' nos dialectos do Português Europeu*. Universidade de Lisboa. Tese de mestrado.
- Pereira, Sílvia (2011): "O marcador de negação metalinguística *agora* nos dialectos do Português Europeu", em Armanda Costa / Pilar Barbosa / Isabel Falé (eds.), *Textos seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 490-504.
- Prieto, Pilar (2002): "Entonació", em Joan Solà *et al.* (eds.), *Gramàtica del català contemporani*, vol. 1. Barcelona: Empúries, 393-462.
- Rizzi, Luigi (1997): "The fine structure of the left periphery", em Liliane Haegeman (ed.), *Elements of grammar. Handbook in generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- Zubizarreta, María Luisa (1999): "Las funciones informativas: Tema y Foco", em Ignacio Bosque / Violeta Demonte (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 3. Madrid: Espasa, 4215-4244.